

## Capítulo 8

# O Monstro dos Olhos Verdes no Ciberespaço: Ciúme e Redes Sociais

Helena Centeno Hintz  
Melina Carvalho Trindade  
Sílvia C. Halpern  
Juliane Toschi  
Graziele Martini Bronzatti

Um dos alicerces da existência da sociedade é a comunicação, e o homem desde a Antiguidade busca desenvolver tecnologias para permitir a comunicação em quantidade e qualidade. Com o aparecimento das comunicações modernas, as trocas de informações chegaram a um patamar jamais alcançado, em um processo ainda em curso. Nesse sentido, a Internet assume um papel fundamental, permitindo que, em uma rede mundial de computadores, informações dos mais diferentes tipos possam ser compartilhadas por indivíduos localizados em quaisquer pontos do planeta.

A comunicação através das redes sociais é um fenômeno que vem se expandindo rapidamente e alterando a natureza dos relacionamentos sociais. Esse espaço de relações, definido como ciberespaço, se torna mais uma esfera de interação social, que não possui fronteiras bem delimitadas e por isso se define em um espaço de infinitas possibilidades, tornando-se mais um espaço importante, atrativo, e agora fundamental na constituição do sujeito e que permeia os relacionamentos conjugais atuais.



Bauman (2003) define que estamos vivendo em um tempo que pode ser definido como “modernidade líquida”. Líquida porque fluídos não resistem às pressões, tornando-se instáveis, assim como a sociedade atual, onde valores que regem a sociedade são o individualismo, a instantaneidade, a transitoriedade, a angústia, a ambivalência, e o consumismo. Tudo isso tem grande impacto nas relações afetivas (FREIRE et al., 2010).

### ***O ciúme***

Ciúme romântico é um fenômeno amplamente estudado. As pesquisas indicam que vários fatores de personalidade e de relacionamento contribuem para a sua ocorrência. De acordo com Pfeiffer e Wong (1989), ciúme é definido como uma reação emocional que ameaça as relações, e também é uma das emoções mais prevalentes e potencialmente destrutiva nos relacionamentos românticos.

Grande parte da literatura sobre o ciúme não se baseia na perspectiva de vínculo e relacionamento, mas sim, elenca o ciúme de forma primeiramente negativa, principalmente quando considera aspectos de como ele é definido, concebido, e como está associado a diferenças individuais e a construtos relacionais (ATTRIDGE, 2013). Ciúme é considerado como uma resposta emocional à ameaça real ou imaginária de perda de algo valioso a partir de um relacionamento romântico, composta de emoções básicas, como medo e raiva, e pode ser explicado por um conjunto de fatores ligado às emoções, cognição e comportamentos.

Pesquisas recentes sobre o ciúme o conceitua como uma reação adaptativa evolutiva que ameaça a fidelidade (HANSEN, 1983). Com frequência, o ciúme é entendido como um constructo multidimensional e com diversas tipologias. De acordo com Attridge (2013), ciúme é uma emoção complexa, mas comumente experimentado em algum momento na maioria dos romances. Dentro do modelo conceitual “Emoção dentro dos Relacionamentos”, sentir ciúme é um resultado natural e esperado em situações onde há um envolvimento potencial ou real de



um parceiro com alguém fora da relação. Este modelo sugere que o ciúme nos relacionamentos resulta da interrupção de scripts cognitivos interpessoais, ou seja, situações onde as interações comportamentais entre parceiros diferem de um padrão esperado. Esta interrupção cria estimulação do sistema nervoso autônomo básico, além de uma variedade de experiências emocionais (BERSCHIED; SNYDER; OMOTO, 1989).

Alguns autores distinguem o ciúme entre ciúme disposicional e estado de ciúmes. O primeiro refere-se ao ciúme como um traço, uma tendência relativamente estável para responder de maneira ciumenta, e o último refere-se ao ciúme como uma reação a um evento específico (RICH, 1991).

Buunk (1997) diferencia entre ciúme reativo, ansioso e possessivo. O ciúme reativo refere-se principalmente às reações emocionais, como raiva e tristeza, sobre a infidelidade emocional ou sexual. O ciúme ansioso tem um forte componente cognitivo e envolve ruminação sobre a possível infidelidade do parceiro. Ciúme possessivo relaciona-se a fatores comportamentais e inclui monitorar o comportamento e tentar impedir que o parceiro tenha amigos do sexo oposto. O ciúme reativo ocorre como reação a uma ameaça real para a relação, enquanto que o ciúme ansioso e o possessivo também podem ocorrer na ausência de uma ameaça real.

Barelds e Barelds-Dijkstra (1997) afirmam que o ciúme reativo está positivamente relacionado com a qualidade do relacionamento e entendem que esse assinala para o cuidado com o parceiro. Entretanto, o ciúme ansioso está negativamente relacionado com a qualidade do relacionamento, provavelmente por ser muitas vezes infundado e, portanto, causando sofrimento à relação. Em contraste com suas hipóteses, o ciúme possessivo não está relacionado com a qualidade do relacionamento.

A literatura demonstra que o ciúme está associado a uma variedade de fatores e a diferenças individuais, podendo estar associado



com baixa autoestima, baixa autoconfiança e empatia pelos outros, à solidão, necessidade de aprovação pelo parceiro, além de outros estados emocionais como depressão e hostilidade generalizada (BUUNK, 1997). Pesquisas também associam ciúme com diferenças de estilo de apego adulto, sendo que os indivíduos com apego inseguro, em especial, o apego inseguro ansioso, possuem uma chance maior de experimentar mais ciúme em comparação a aqueles com um estilo de apego seguro (ATTRIDGE, 2013).

Da mesma forma, o ciúme também tem sido associado a outros fatores como: 1. fracasso da relação, 2. dependência emocional por um dos parceiros, 3. casais que se unem a relacionamentos caracterizados por baixo comprometimento e que não possuem exclusividade sexual, e finalmente, 4. maior insatisfação com o relacionamento em geral, em especial, com os aspectos sexuais (HANSEN, 1983; PINES; ARONSON, 1983).

### ***As relações afetivas na Contemporaneidade***

Ao longo da história, as relações humanas foram se estruturando de acordo com a sociedade ao qual estão inseridas no momento histórico. Na sociedade moderna atual, com a cultura do consumismo que favorece o acesso aos produtos prontos, à Internet, onde as pessoas se conhecem sem sair de casa, ao prazer e à satisfação imediata, com resultados e garantias que não exijam esforços, as relações interpessoais não poderiam ter características diferentes, afirma Bauman (2004).

Bauman (2004) traduz esse momento como um líquido cenário da vida moderna, onde as relações antes vinculadas a um compromisso sério e de longo prazo, agora são virtuais, surgindo e acabando de forma muito rápida, leve, sem até percebermos, mas mostrando ao mundo que foi muito gratificante e satisfatória. Existe uma vulnerabilidade e fragilidade nos laços afetivos, pois num mundo onde tudo muda a cada momento, parece não haver lógica em manter vínculos fortes e longos. A relação hoje em dia termina quando se deseja, sem remorso e confusão, não havendo compromisso mútuo (MORAES, 2011).



## *Capítulo 8 - O monstro de olhos verdes no ciberespaço: Ciúme e redes sociais*

Costa (1998) afirma que na Antiguidade o amor entre os seres humanos estava ligado mais ao afeto. Havia espaço para a alegria de ter um (a) companheiro (a) para a saudade e para o sofrimento da perda. Após essa fase, o amor foi influenciado pela tradição judaico-cristã ligado à Deus, supremo e verdadeiro. O amor sensível desejava o que não se tinha, e temia perder o que já possuía. O ato sexual e o desejo eram vistos como fracassos e pecado, obstáculos no caminho do verdadeiro amor.

Com o advento do feudalismo, entre o século IX e X, segundo Costa (1998), a tradição da herança terminou e, com isso, ao primogênito cabia a escolha de uma futura esposa rica para casar, para herdar sua herança e para dar continuidade à linhagem. O amor cortês surgiu nesta época como uma forma de protesto contra as regras da Igreja e dos costumes feudais que apoiavam as relações matrimoniais vinculadas à riqueza. Portanto, geralmente os cavaleiros iam em busca do amor de uma mulher já comprometida com outro para casar pela família.

Até a Segunda Guerra Mundial, os casamentos eram monogâmicos, indissolúveis e a mulher deveria ser fiel ao marido. Mas após o impacto da Grande Guerra e da Revolução Industrial, a mulher saiu do espaço privado e assumiu várias atividades realizadas antes apenas por homens em vários setores da produção. Com mais independência financeira e emocional, ela passou a reivindicar mais qualidade de vida, inclusive nas suas relações afetivas. Sendo assim, deixou de ser apenas mãe e esposa. Costa (1998) afirma que já faz algum tempo que tem se observado mudanças na maneira das famílias nucleares tradicionais vivenciarem suas relações amorosas. Muitos vínculos e casamentos deixaram de ser eternos para se tornarem breves e instáveis.

Hoje, como descreve Araújo (2002), o casamento convencional com dominação masculina vem cedendo espaço para uma relação mais igualitária e de negociação entre o casal, baseado em valores de amizade e de companheirismo. Namoro também não implica mais em casamento. O importante, atualmente, é a busca da felicidade, seja através da paquera, do ficar ou do casamento. Não existem mais regras



sociais rígidas que regulam e limitam a vida sexual-afetiva e a liberdade individual.

Com todas as mudanças que aconteceram ao longo do tempo, Giddens (1993) salienta que homens e mulheres estão valorizando a autonomia e o trabalho remunerado. Os relacionamentos íntimos são construídos e estabelecidos a partir da satisfação mútua, podendo acabar em qualquer momento da relação. A intimidade não garante a durabilidade e nem a exclusividade sexual. As pessoas permanecem na relação enquanto percebem que obtêm algum benefício e gratificação desta parceria.

No amor romântico, havia uma relação de fusão e preocupação com o outro. Com o individualismo, o ego passou a ser a instância maior, numa relação onde o eu é o mais importante e o outro passa a ser neutro. Os indivíduos parecem ser frágeis, voláteis e instáveis, mesmo com toda a valorização do eu, ou seja, do narcisismo individualista (CASTELLS, 2000).

Diante deste contexto, as relações da contemporaneidade são diversificadas e fluídas, podendo haver uma rápida troca de parceiros (VIEIRA; COHN, 2008). Questões como o amor romântico e duradouro, a dedicação e o sacrifício ao bem estar do outro cederam espaço às relações mais horizontais.

Nesse contexto, apesar de haver tanta liberdade na escolha de parceiros e nas formas de se relacionar, as pessoas estão cada vez mais ansiosas para rever ou mudar o rumo da relação.

### ***O ciberespaço***

A Internet não é apenas mais um local de troca, de busca de informação ou ainda de encontros entre pessoas, é, segundo Garbin (2003) pela sua capacidade de reunir cultura, comunicação e informação, um local de produção e troca de conhecimento. Como



forma compartilhada de comunicação, muitas vezes, é utilizada como local de encontro, de procura por novos amigos, de relações sociais, etc. Existem muitas pessoas que também entram nas redes sociais, como o Facebook, com o objetivo de rever amigos, compartilhar informações, mostrar fotos, conhecer novas pessoas, etc.

Sua utilização está em constante popularização, pois conforme os resultados da pesquisa de acesso à Internet, realizada pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano 2011, no Brasil, 77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade acessaram a Internet. Um recorte da pesquisa demonstra que de 2005 a 2008, o aumento da proporção de pessoas que acessaram a Internet foi maior nas faixas etárias que abrangem as idades de 10 a 24 anos.

Ainda segundo a mesma pesquisa, no período de 2008 a 2011, o maior aumento ocorreu nas faixas etárias de 25 a 39 anos de idade. Entretanto, destaca-se principalmente, o aumento do percentual de pessoas de 50 anos ou mais de idade, que acessaram a Internet passando de 7,3%, em 2005, para 18,4%, em 2011. Esses dados revelam que os internautas não são somente jovens, estendem-se por todos os grupos etários.

Freire et al. (2010) acrescentam que o ciberespaço, por ser um local, onde se conectam internautas de todos perfis sociais, culturais e até mesmo econômicos, e de características diversas, esses obtêm a possibilidade de uma interação rápida e fácil. Essas mídias se caracterizam por interações *on-line* com amigos, familiares, colegas de trabalho, conhecidos ou até mesmo desconhecidos. Segundo Vieira e Cohn (2008), a Internet não é substituta das relações presenciais, mas é mais uma esfera de interação, usado como uma ferramenta para encontrar seus semelhantes, um grupo de pertencimento.

Muitas vezes, navegando nesse espaço cibernético, não conseguimos definir quem está atrás da tela. Dessa forma, a Internet nos fornece dados que não podemos mensurar se são fidedignos ou se

estamos lidando com o virtual, ou com a fantasia do outro, porque não conhecemos suas vozes, aparências, e tampouco as características de personalidade, mas talvez esse meio não-identificável possa ser um dos maiores benefícios da Internet, a possibilidade de ser quem quiser e de ser mais espontâneo.

Ao se conectar à Internet, os internautas podem usufruir de uma extensa variedade de interesses sociais, podendo ser acessada através de redes sociais. Para Boyd e Ellison (2007) redes sociais são serviços ofertados na *web* que permitem aos usuários, a construção de um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado, permitindo a relação de outros usuários com os quais compartilham uma conexão, tendo a possibilidade de ver e explorar suas listas de conexões e aquelas elaboradas por outras pessoas dentro do sistema.

Esse aparato tecnológico, através das suas diversas redes sociais, pode ser considerado como um espaço que oferece e garante apoio psicológico e senso de pertencimento, apesar de não haver o contato real. Como as relações interpessoais acontecem diversas vezes pelo anonimato, as pessoas acabam sendo mais sociáveis e confiantes para relatarem seus pensamentos. Muitas utilizam sua autoimagem para se autopromoverem e aumentarem sua popularidade. As relações *on-line* promovem um distanciamento do sujeito real e singular para um personagem idealizado.

Uma das vantagens do ciberespaço é que não há espaço para brigas, pois mostramos apenas nossas qualidades. Para Bauman (2004), através da proximidade virtual, não precisamos conquistar e manter o parceiro. Guedes e Assunção (2006) afirmam que diante da comunicação virtual, as pessoas ficam muito expostas. Elas não são percebidas, conhecidas e compreendidas porque deve se esperar a emissão de uma resposta para poder enviar outra na Internet. Dessa forma, os participantes sempre vão redefinindo o rumo do assunto.

Castells (2000) menciona que apesar das relações virtuais favorecerem a exposição das nossas melhores qualidades e a consolidação





de nossas fantasias, ela não parece ser muito útil para a criação de laços de amizade e relacionamentos amorosos, pois pode acabar expondo conflitos, intimidades e relações extraconjugais. Virillo (1995), ainda mais rigoroso, considera que apesar de podermos conhecer pessoas e lugares novos através da tela do computador, esse aparato tecnológico acaba muitas vezes, isolando e afastando o indivíduo do contato real com a sociedade.

Moraes (2011) refere que a verdade é que as pessoas preferem muitas vezes se comunicar via eletrônica com parceiros, familiares e amigos para não precisarem ter que enfrentar o olhar do outro e assuntos conflitantes e indesejáveis. É muito mais confortável acabar um assunto desinteressante através de um simples toque do teclado.

Para Xavier (2013), é notório que a Internet vem se adaptando às necessidades humanas. Através das redes sociais as pessoas estão buscando interação e afetividade, mesmo que não seja com o contato real com o outro. Mas a tendência é que não existam limites definidos entre a vida virtual e a vida real, e que o ser humano dependa cada vez mais da comunicação virtual. Os dispositivos tecnológicos são elementos complementares do nosso eu, das relações que vivenciamos, do trabalho que exercemos e dos momentos de lazer.

Nicolaci-da-Costa (2005) defende que é preciso desmistificar a ruptura entre relacionamento virtual e real, como se ambos fossem situações díspares e isoladas, quando na verdade, os relacionamentos virtuais seriam um complemento para os modelos de relacionamento considerados tradicionais. Uma das comprovações dessa interligação seria a identificação de milhares de relacionamentos amorosos surgidos entre desconhecidos no âmbito da internet que se deslocaram para o mundo real e que deram certos.

Apesar das diferenças entre as interações virtuais e o contato real, ambas possuem significado e influenciam tanto na subjetividade do sujeito da interação quanto nas demais subjetividades da esfera social envolvida (VIEIRA; COHN, 2008). Sabe-se que a Internet vem sendo



considerada como um problema que tem dificultado a intimidade e a parceria dos casais, com suas inúmeras vantagens tecnológicas. Sites de relacionamento, redes sociais e troca de mensagens tem levado à infidelidade e ao rompimento das relações estáveis (SILVA NETO, 2009).

### ***O uso das redes sociais***

A entrada da internet a pouco mais de uma década revolucionou a comunicação, contribuindo para a denominação do momento que estamos vivendo como a Era da Informação. A cada momento surgem novos usos da Internet atraindo mais seus usuários que utilizam celulares, *tablets* ou semelhantes para se conectarem às notícias, novidades provenientes do mundo ou de seus relacionamentos próximos. Nesse uso, incluem-se as redes sociais que, cada vez mais, são utilizadas por pessoas de todo o mundo, de todas as idades e de todas as culturas.

Ao longo do tempo, os pesquisadores buscam entender os efeitos positivos e negativos da Internet. Kim e Haridakis (2009) referem a existência de vários estudos, sugerindo que o uso da Internet pode melhorar o acesso a diversas informações, alargar os círculos sociais dos usuários e/ou melhorar o bem-estar psicológico. Outros estudos argumentam que pode levar pessoas à solidão, à baixa interação social com seus familiares e amigos, ou mesmo à depressão clínica. O efeito negativo que tem chamado a atenção dos estudiosos é a proporção em que os usuários podem ficar dependentes à Internet.

Pesquisadores têm utilizado diferentes termos para descrever os diversos comportamentos: uso problemático da Internet, uso patológico da Internet, dependência da Internet e adição à Internet. Isto mostra certa confusão conceitual, tornando difícil precisar a possível psicopatologia associada.

Kim e Haridakis (2009) descrevem três dimensões do uso da Internet. A primeira, a “intrusão”, é aquela em que os usuários da Internet negligenciam atividades no seu dia a dia devido ao uso não



saudável, isto é, dispendem tempo mais prolongado do que pretendiam. Sabem do uso problemático da Internet, mas não conseguem corrigir.

A segunda, denominada como “fuga da realidade” parece ser a mais intensa quanto à dependência do uso, uma vez que o indivíduo foge da realidade ao acreditar que as atividades da sua vida real estão interferindo em sua vida virtual (*on-line*). Sente raiva quando os outros dificultam o seu uso da Internet, preferindo relacionar-se virtualmente com amigos e familiares, preocupando-se com o uso da Internet, mesmo quando aqueles não estão *on-line*.

A terceira dimensão, referida como “apego”, reflete uma forte ligação emocional com a Internet. O usuário não consegue imaginar viver sem a Internet. Entretanto, mesmo chateado em não estar *on-line*, este apego não parece interromper as atividades da vida real do usuário. O que pode sentir é um sentimento de perda pelo não uso momentâneo. Apesar de este estudo apontar uma realidade percebida no uso da Internet pelos indivíduos, este uso ainda não se caracteriza como dependência ou adição (KIM; HARIDAKIS, 2009). Os autores sugerem que as três dimensões podem refletir uma “tendência” a um comportamento aditivo. A publicação recente do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-5 (2014) não inclui, nesse momento, o uso da Internet ou da mídia social como transtorno aditivo.

Os indivíduos que apresentam um comportamento social mais inibido, tímido, tendem a se sentir desconfortáveis na interação face-a-face com pessoas pouco conhecidas (MORAHAN-MARTIN, 2007). Essas pessoas podem sentir certo alívio ao se relacionar de forma virtual com os outros, servindo, as redes sociais, a este propósito.

Indivíduos solitários porque não possuem boas habilidades sociais tentam, de igual forma, superar seus problemas (MCKENNA; BARGH, 2000). Em virtude de ser mais confortável, prático, o uso pode passar a ser o meio de comunicação principal, intensificando-o cada vez mais, a ponto de dispender horas lendo e postando notícias, pensamentos, fotos, etc.



As redes sociais ao se tornarem o principal meio de comunicação do indivíduo, levam à necessidade de manter uma conexão constante, e pode chegar ao ponto de algumas pessoas não poderem se separar do celular, um dos principais meios de acesso às redes. Pessoas tímidas, solitárias ou que estão em busca de sensação tendem a aumentar o uso da Internet e das redes sociais, vindo buscar novos estímulos ou resolver situações incômodas. A relação conjugal é a que fica mais comprometida pelo uso demorado de um dos parceiros, por causa das discussões originadas, pelo distanciamento afetivo, tensões e sentimento de abandono que o outro sente, podendo chegar a uma quebra da intimidade do casal. É de se esperar que, a partir deste ponto, as consequências possam ser muitas e graves para a continuidade da relação.

### ***Por que o Facebook?***

Outras redes sociais já foram utilizadas anteriormente. Alguns anos atrás, a rede de relacionamentos mais utilizada era o *Orkut*, tendo como maior público os brasileiros, como cita Marques (2013). Entretanto, o *Orkut* caiu em desuso e cedeu lugar ao *Facebook* por este apresentar uma maior oferta de variedades e qualidades em seus aplicativos, ou seja, por oferecer diversidade está sendo um dos canais de comunicação com maior relevância entre os internautas para fins de interação social.

Entre as características que torna o *Facebook* atrativo para seus usuários - ter informações sobre os outros de forma fácil, livre e anônima - encontra-se a de possibilitar um comportamento de monitoramento *on-line*. Checar de forma excessiva o perfil de *Facebook* dos outros tem sido referido como “vigilância eletrônica interpessoal, vigilância de *Facebook* ou ainda como perseguição de *Facebook*” (MARSHALL, 2012). As pessoas podem usar o *Facebook* para saber quais são as atividades atuais de seu (sua) ex-parceiro (a), verificar suas atualizações, mensagens, fotos, comentários, mesmo não sendo mais seu amigo no *Facebook*. Buscam, também, fazer contato pelo *Facebook* com ex-parceiros ou procuram ver fotos de seu (sua) ex-parceiro (a) em relacionamento amoroso com outra pessoa. Além da vigilância



pelo *Facebook* de ex-parceiros ser comum, as pessoas que exercem esta vigilância consideram-na inofensiva (MARSHALL, 2012).

Entretanto, outra pesquisa sugere que o *Facebook* pode facilitar comportamentos associados a intrusões relacionais obsessivas na busca de um relacionamento íntimo indesejado, particularmente com um ex-parceiro romântico (SPITZBERG; CUPACH, 2003). Embora a vigilância do *Facebook* caia na extremidade suave do espectro de intrusão relacional (CHAULK; JONES, 2011), a pesquisa constatou que um monitoramento das fotos do *Facebook* de ex-parceiros e outras formas de provocação encoberta (como escrever uma atualização de status para fazer ciúme a um ex-parceiro) está associada a uma maior probabilidade de engajar-se em intrusão relacional obsessiva real (*off-line*), por exemplo, aparecendo em sala de aula ou local de trabalho do ex-parceiro (LYNDON; BONDS-RAACKE; CRATTY, 2011).

Os dados estatísticos da empresa *Facebook*, divulgam existir: 802 milhões de usuários ativos por dia, em média, em março 2014; 609 milhões de usuários ativos móveis, em média. Em março 2014: 1.280 milhões de usuários mensais ativos em 31 de março de 2014; 1,01 bilhão de usuários ativos mensais móveis em 31 de março de 2014. Cerca de 81,2% dos usuários ativos diários estão fora dos EUA e Canadá (*site Facebook Newsroom*).

Sabe-se que sites de redes sociais como o *Facebook* mudaram a essência do sentido do público e privado uma vez que grande quantidade de informação está disponível para as pessoas, sobre seus parceiros, relações e interações, muito mais do que teriam com outros métodos *on-line* ou *off-line* de comunicação. Essa falta da privacidade, no sentido tradicional, pode expor os indivíduos à obtenção de grande quantidade de informações a respeito de seus parceiros. Os autores assumem que a constante disponibilidade de informações sobre o parceiro nas redes sociais contribui para o ciúme (MUISE et al., 2009).

Marshall (2012) conclui em seu estudo, haver a necessidade de mais pesquisas sobre o comportamento das pessoas no *Facebook*,



e complementa que manter controle sobre um ex-parceiro através do *Facebook* está associado com a pior forma de recuperação emocional e crescimento pessoal após um rompimento. Evitar a exposição tanto *on-line* como *off-line* poderá ser a melhor forma para curar um amor acabado.

### ***O ciúme e as redes sociais***

Como já citado, no contexto do ciberespaço, tudo se torna instantâneo, pois é um universo em que há infinitas possibilidades e que essas podem terminar rapidamente, se assim for decidido, com apenas um “clac”. Hoje as relações duram até serem vantajosas, até algo novo e mais interessante acontecer. Por isso, temos a percepção de que as coisas estão instáveis e que os relacionamentos se tornaram mais frágeis (FREIRE et al., 2010). Os laços humanos são marcados pela vulnerabilidade e pela efemeridade, e os relacionamentos longos são cada vez mais difíceis de serem vistos.

As pessoas interagem com as pessoas que conhecem e que não conhecem, estabelecendo ou fortalecendo os vínculos através de ciberespaços. Isso ocorre porque há a possibilidade de se expor com mais facilidade, mesmo com pessoas que já se conhece. A ausência do corpo, então, ajuda o sujeito a se expor mais (VIEIRA; COHN, 2008). Além disso, vivenciamos um processo de ruptura radical com laços tradicionais, onde há um desejo de romper com a “família perfeita” que era imposta (FREIRE et al., 2010).

O somatório disso tudo contribui ao surgimento da emoção ciúme relacionado às redes sociais, assim como, a possíveis traições. A consciência de que pode ser abandonado a qualquer momento, assim como se pode abandonar alguém, e a consciência de que os relacionamentos virtuais podem ser tão íntimos quanto os presenciais também gera ciúme (VIEIRA; COHN, 2008).

Freire et al. (2010) mencionam que é possível haver a criação de vínculos de afeto através do ciberespaço, em redes sociais que



facilitam a comunicação entre os indivíduos. O fácil acesso a outras pessoas dá margem ao ciúme. A Internet não é a causa para a fragilidade dos vínculos, mas pode potencializar sentimentos, aflições e angústias. Pode-se dizer que a rede materializa os medos de outrem.

Então, podemos entender que a Internet impulsiona sim o ciúme, e piora quando um indivíduo tem baixa autoestima ou possui tendências ao ciúme e encontra maneiras de controle sobre o outro através do ciberespaço, o que reforça o sentimento de insegurança (FREIRE et al., 2010). Também pode haver fantasias de traição, sendo fomentadas pelo histórico de navegação da Internet ou pelo arquivamento das conversas.

Segundo Vieira e Cohn (2008), os relacionamentos virtuais são mais fáceis de serem vivenciados porque a frustração da negação de uma aproximação física não recai sobre o sujeito, e sim sobre o meio de comunicação. Também não existem problemas de aproximação física, o relacionamento em geral é menos conflituoso porque não é presencial. Para os autores, pode-se concluir que a ausência do corpo auxilia as relações porque pode aproximar pessoas, assim como as prejudica, porque também pode afastá-las.

A infidelidade conjugal é hoje um dos fatores que mais leva os casais a finalizar a relação. Sabe-se que a falta de comunicação pode ser potencializada pelas “vidas virtuais”. A descoberta da traição virtual, conforme Whitty (2003), pode gerar muito sofrimento e desgaste emocional para as pessoas e seus familiares, podendo abalar a reputação do parceiro que traiu.

A ferramenta virtual *Facebook*, por sua própria natureza, oferece fácil acesso à informação de amigos e parceiros podendo desempenhar um importante papel na comunicação e manutenção de relacionamentos e amizades de longa distância (LEE; BOYER, 2007). Estudos empíricos e informações do senso comum demonstram que o *Facebook* pode ser responsável pelo aumento de ciúme e de desconfiança nas relações românticas. A exposição a informações e interações sociais com amigos

de um parceiro romântico pode resultar em um ambiente que propicia o ciúme.

Há controvérsia a respeito da questão se um envolvimento virtual pode ser ou não considerado uma traição, porém é certo que quando ocorre a pessoa sofre e sente que o parceiro foi desleal (FREIRE et al., 2010). Para Guimarães (2002) são vários os motivos que levam à infidelidade virtual. Ela pode ser motivada pelo desejo de conhecer novas pessoas, para preencher carências afetivas, para esquecer a relação pouco satisfatória que mantém com seu parceiro real, ou até para tentar melhorar a relação com esse. Para este autor, quando há traição através das redes sociais, a infidelidade é emocional, pois a princípio não há contato físico. Nesse caso, o contato afetivo envolve confiança e intimidade. Mas independente da qualidade da traição, sentimentos como o ciúmes sempre se manifestaram pela insegurança e/ou pelo medo do abandono.

Em uma sociedade que se apoia na lógica da descartabilidade, e então se torna uma sociedade onde tudo pode ser consumido, baseado na escolha diante de variadas opções, o medo e a solidão são sentimentos oriundos desse “mundo líquido moderno”, provocando um desejo de ter alguém. O homem líquido busca emoções e não estabilidade (FREIRE et al., 2010). E mesmo em um contexto de descompromisso o ser humano ainda quer se relacionar. Então, podemos denominar a sociedade como uma sociedade de contradições porque existe o medo de se envolver e ao mesmo tempo, há a expectativa de algo novo.

Outra problemática é a “*Webneurose*”, que pode ser definida como a necessidade que a pessoa tem em ficar checando redes sociais, e que pode gerar conflito e ciúme entre o casal, pois dependendo de como está o relacionamento ou da personalidade do cônjuge, ele pode ficar receoso em relação a uma possível traição. Essa nova situação não existia nos relacionamentos anteriormente, assim como a questão da privacidade quanto ao mundo virtual e à reclamação de invasão a essa privacidade de seus companheiros em busca da vida virtual do seu parceiro (FREIRE et al., 2010).





### **Considerações finais**

A Internet possibilita novas formas de as pessoas interagirem e é configurada como um novo canal comunicacional. Ela faz parte da vida cotidiana de todos atualmente, independente de idade ou classe social, e na sua gama de utilidades são as redes sociais que facilitam a comunicação entre pessoas que estão perto ou que estão longe, podendo ser utilizadas com diversas motivações. Entretanto, oriundo da utilização do ciberespaço é possível perceber novos problemas entre os casais. Um exemplo disso é o ciúme que provém de novas fontes porque há a sensação de impossibilidade de ter o outro por completo, uma vez que o divide com as redes sociais.

O ciúme pode preceder e/ou proceder o uso das redes sociais, mas de fato sabe-se que ambos andam juntos. Caso preceda o uso da rede social, ou seja, se a pessoa já tem tendência a ser ciumenta ou se sente insegura no relacionamento, possivelmente isso será intensificado com o uso de redes sociais. No entanto, uma pessoa que não sente ciúme do parceiro pode ficar insegura diante das inúmeras possibilidades de informações que existem na rede e que podem vir a interessar o parceiro.

O ciúme relacionado a redes sociais se agrava se a pessoa possui baixa autoestima ou algum diagnóstico psiquiátrico. Da mesma forma, prejudica quando existe algum indicativo de que a relação não está bem, e então a Internet que está sempre disponível e próxima pode se tornar fonte de suspeita de possíveis infidelidades, ou de infidelidades de fato. Existem muitos benefícios e malefícios no uso da Internet. Acredita-se que o maior benefício esteja na possibilidade de comunicação em tempo real, independente de onde estejam. E talvez, o seu maior malefício seja o fato de propiciar um isolamento e afastamento das relações. Ou seja, ela pode afastar ainda mais os casais que já estão com problemas de comunicação, ou pode vir a ser um fator que contribui no afastamento das pessoas quando daqueles cônjuges que passam a maior parte do seu tempo livre no mundo tecnológico.



É importante a pessoa conseguir ter a percepção de quanto tempo está conectado e identificar com que finalidade está se conectando, deixando perceptível para seu parceiro. Assim, como em qualquer problema de comunicação é necessário que haja comunicação clara sobre o uso da Internet entre o casal. As redes sociais, se bem utilizadas, podem ser um ótimo espaço para mascarar as frustrações do cotidiano, bem como, promover mudanças na rotina do dia a dia dos casais. Elas podem ser utilizadas como ferramentas para propiciar a união e até mesmo para apimentar a relação. No entanto, o uso inadequado da Internet também pode delatar as falhas do relacionamento conjugal e assim, então, auxiliar no recrudescimento de sentimentos de infidelidade. Os casais através do uso da rede social podem comprovar o desamparo, ou se existir, a traição.

### **Referências**

American Psychiatric Association – APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: Novas e velhas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 2, 2002. Retirado em 01/06/2014, do SciELO (Scientific Electronic Library On-line): [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci_arttext&tlng=es)

ATTRIDGE, M. Jealousy and Relationship Closeness Exploring the Good (Reactive) and Bad (Suspicious) Sides of Romantic Jealousy. **SAGE Open**, v. 3, n. 1, 2013.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BARELDS, D. P. H.; BARELDS-DIJKSTRA, P. Relations between different types of jealousy and self and partner perceptions of



relationship quality. **Clinical Psychology and Psychotherapy**, v. 14, p. 176-188, 2007.

BERSCHIED, E.; SNAYDER, M.; OMOTO, A. Issues in studying close relationships: Conceptualizing and measuring closeness. In: Hendrick, C. (Ed.), **Close relationships** (p. 63-91). Newbury Park, CA: SAGE, 1989.

BOYD, D.; ELISSON, N. Social network sites: Definition, history and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**. 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. Acessado em 07/06/ 2014.

BUUNK, B. P. Personality, birth order and attachment styles as related to various types of jealousy. **Personality and Individual Differences**, v. 23, n. 6, p. 997-1006, 1997.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CHAULK, K.; JONES, T. On-line obsessive relational intrusion: Further concerns about Facebook. **Journal of Family Violence**, v. 26, p. 245-254, 2011.

COSTA, J. F. 1998. Sem fraude, nem favor: Estudos sobre o amor romântico. In: Guedes, D.; Assunção, L. (2006). *Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética)*. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 6, n. 2). Retirado em 23/05/2014, do PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia): [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200007&script=sci_arttext&tlng=pt)

FACEBOOK NEWSROOM. **Facebook Press**. Retirado em 02/06/2014: <http://newsroom.fb.com>.

FREIRE, B.; MACHADO, D.; QUEIROZ, F.; BEZERRA, L.; FREIRE, R. S.; VASCONCELOS, A. J. de; CRUZ, K. **Paixão, ciúme e traição:**



**A “liquidez” das relações humanas no ciberespaço.** Belém: Universidade Federal do Pará, 2010. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/aavv-paixao-ciume-e-traicao.pdf>>. Acessado em 07/06/2014.

GARBIN, E. M. Culturas juvenis, identidades e internet: Questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/ jun/ jul/ ago, 2003, p.119-135.

GIDDENS, A. A transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo na sociedades modernas. In: ARAÚJO, M. de F. Amor, casamento e sexualidade: Novas e velhas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 2, 1993. Retirado em 01/06/2014, do Scielo (Scientific Eletronic Library On-line): [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci_arttext&tlng=es)

GUEDES, D. G.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética). **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 6, n. 2, 2006. Retirado em 23/05/2014, do PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia): [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482006000200007&script=sci_arttext&tlng=pt)

GUIMARÃES, M. S. **Adulterio virtual, infidelidade virtual.** 2002. Retirado em 29/05/2014: [http://www.gontijo-familia.adv.br/2008/artigos\\_pdf/marilene/AdultVirtual.pdf](http://www.gontijo-familia.adv.br/2008/artigos_pdf/marilene/AdultVirtual.pdf)

HANSEN, G. L. Perceived threats and marital jealousy. **Social Psychology Quarterly**, v. 48, p. 363-366, 1983.

IBGE. [ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso\\_a\\_internet\\_e\\_posse\\_celular/2011/PNAD\\_Inter\\_2011.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/PNAD_Inter_2011.pdf). Acessado em 01/06/2014.

JUSTO, J. S. (2005). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, v. 17, n. 1, p. 61-77. Retirado



em 24/05/2014, do SciELO Electronic Library On-line) <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf>.

KIM, J., HARIDAKIS, P. M. The Role of Internet User Characteristics and Motives in Explaining Three Dimensions of Internet Addiction. **Journal of Computador-Mediated Communication**, v. 14, p. 998-1015, 2009. Retirado de [www.on-linelibrary.wiley.com](http://www.on-linelibrary.wiley.com) em 08/05/2014.

LEE, S.-Y.; BOYER, L. A place of their own: An exploratory study of college students' uses of Facebook. **Paper presented at the 57th International Communication Association Annual Meeting**, San Francisco, CA, 2007.

LYNDON, A.; BONDS-RAACKE, J.; CRATTY, A. D. College students' Facebook stalking of ex-partners. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 14, p. 711-716, 2011.

MARQUES, C. B. **Estou *on-line!* O imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos.** Tese de doutorado apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77239/000895306.pdf?sequence=1>. Acessado em 07/06/ 2014.

MARSHALL, T. C. Facebook surveillance of former romantic partners: Associations with postbreakup recovery and personal growth. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 15, n. 10, p. 521-526, 2012.

McKENNA, K. Y. A.; BARGH, J. A. Plan 9 from cyberspace: The implication of the Internet for personality and social psychology. **Personality and Social Psychology Review**, v. 4, p. 57-75. 2000.

MORAES, C. **O Amor e o Facebook.** Oficina do Livro, Portugal: 2011. Retirado em 27/05/2014. <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR>



&lr=&id=h69EKlyxEesC&oi=fnd&pg=PT3&dq=o+amor+e+o+fac  
ebook-como+a+maior+rede+social+do+mundo+pode+influenciar+s

MORAHAN-MARTIN, J. Internet use and abuse and psychological problems. In JOINSON, A.; MCKENNA, K.; POSTMES, T. E ULF-DIETRICH, R. (Eds.), **The Oxford handbook of Internet psychology** (p. 331-345). Oxford: University Press, 2007.

MUISE, A., CHRISTOFIDES, E., & DESMARAIS, S. More information than you ever wanted: Does Facebook bring out the green-eyed monster of jealousy? **CyberPsychology & Behavior**, v. 12, p. 441-444, 2009.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Sociabilidade virtual: Separando o joio do trigo. In: Roxo, L. A. **A sociabilidade na contemporaneidade: Uma reflexão sobre as práticas de sociabilidade em tempos de Facebook**. 2005. Retirado em 01/06/2014. <http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2012/12/7-Luciana-de-Alcantara-Roxo.pdf>

PINES, A.; ARONSON, E. Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy. **Journal of Personality**, v. 51, p. 108-119, 1983.

PFEIFFER, S. M., & WONG, P. T. P. Multidimensional jealousy. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 6, p. 181-196, 1989.

RICH, J. (1991). A two-factor model of jealous responses. **Psychological Reports**, v. 68, p. 999-1007.

SILVA NETO, J. A. (2009). Relações Amorosas e Internet. São Leopoldo. Sinodal . In: Leal, E. N. **Infidelidade na Internet**. Retirado em 30/05/2014 do Lume-Repositório Digital da UFRGS: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/70905>

SPITZBERG B. H.; Cupach, W. R. What mad pursuit? Obsessive relational intrusion and stalking related phenomena. **Aggression and Violent Behavior**, v. 8, p. 345-375. 2003.



VIEIRA, C. I. F.; COHN, C. Amor Contemporâneo e Relações na Internet: ausência do corpo nas relações. **Rev. Bras. de Sociologia da Emoção**, v. 7, n. 19, abr. 2008. Disponível em: <<http://paginas.cchla.ufpb.br/rbse/VieiraArt.pdf>>. Acesso em: 01/06/2014. VIRILIO, P. La vitesse de libération. In: Nussbaumer, G. **Cibercultura, sociabilidade e subjetivação. O Olho da História**, 1995. Retirado em 03/06/2014 <http://oolhodahistoria.org/n14/artigos/gisele>

WHITTY, M. T. Pushing the wrong buttons: Men and women attitudes toward on-line and off-line infidelity. **Cyberpsychology & Behavior**. v. 6, n. 6, 569-579, 2003. In: Leal, E. N. Infidelidade na Internet. Retirado em 30/05/2014, do Lume-Repositório Digital da UFRGS: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/70905>

XAVIER, M. R. P. **A nova configuração de relacionamentos amorosos via Facebook**. 2013. Retirado em: 04/06/2014 de [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26\\_PereiraXavier.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26_PereiraXavier.pdf)

